

O marxismo indo-americano de Mariátegui e a polêmica com a III Internacional Comunista

MARÍA GABRIELA GUILLÉN*

CAMILA LANHOSO**

Resumo

Partindo da perspectiva marxista indo-americana de José Carlos Mariátegui, o artigo visa a exposição de fatores teóricos e históricos que culminaram na polêmica com a III Internacional Comunista na América Latina. A problemática evidencia a originalidade do pensamento de Mariátegui, cujo eixo central é a interpretação dos fatos históricos, políticos e sociais latino-americanos sob a perspectiva dialética do desenvolvimento desigual e combinado para explicar a dinâmica particular da realidade peruana.

Palavras-chave: José Carlos Mariátegui; Marxismo latino-americano; Desenvolvimento desigual e combinado; Socialismo.

Abstract

Considering José Carlos Mariátegui's Indo-American marxist perspective, this article puts forward the historical and theoretical factors that culminated in the controversy with the III International Communist in Latin America. These controversies demonstrate the originality of Mariátegui's thinking, its central core is the interpretation of historical, political and social Latin American facts under the dialectical perspective of uneven and combined development to explain the particular dynamics of Peruvian reality.

Key words: José Carlos Mariátegui; Latin American Marxism; Uneven and combined development; Socialism.

* **MARÍA GABRIELA GUILLÉN** é doutoranda do Programa de Pós Graduação em Sociologia pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

** **CAMILA LANHOSO** é graduanda do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", campus Araraquara (SP).

O pensamento do intelectual peruano José Carlos Mariátegui vem gerando crescente interesse e se configurado como referência do socialismo na América Latina. Introdutor do marxismo no continente a inícios do século XX e fundador do Partido Socialista Peruano, suas fecundas ideias e práxis política foram relegadas ao esquecimento logo após sua morte em 1930. No entanto, a forma inovadora com que aplicou o instrumental marxista, vinculada à observação atenta da realidade peruana, continua sendo paradigmática quanto às tarefas e aos desafios atuais da organização da classe trabalhadora.

Através do presente escrito tentaremos fazer uma caracterização da riqueza do seu pensamento e, para tal, centraremos nossa discussão na polêmica gerada pelas teses – fruto de um pensamento já maduro – apresentadas na I Conferência Comunista Latino-americana de Buenos Aires em 1929, no âmbito da III Internacional (1919-1943) ¹. As divergências que surgiram entre os delegados peruanos, Julio Portocarrero e Hugo Pesce, e os dirigentes da conferência, evidenciam a força criadora do pensamento mariateguiano e sua validade para refletir os problemas postos pela origem colonial e a situação de dependência do Peru no contexto do capitalismo mundial, colocando-o, a nosso ver, na perspectiva de análise do desenvolvimento desigual e combinado.

Mariátegui inicia contatos com a III Internacional através do Secretariado Sul-americano Internacional em finais

de 1927. Ele e seus colaboradores recebem um convite para o IV Congresso da Internacional Sindical Vermelha (*Profintern*) em março de 1928 e posteriormente para a I Conferência Comunista Latino-americana em Buenos Aires em junho de 1929.

Apesar de existir fatores que levaram os socialistas peruanos a estreitarem relações com a Internacional Comunista, como a perseguição política e a constituição do partido da APRA, nem sempre essas foram harmônicas. A partir do IV Congresso da Internacional Sindical Vermelha, começam a perfilar-se diferenças entre os soviéticos e os delegados peruanos², embora os vínculos continuassem a se fortalecer.

Na I Conferência Comunista Latino-americana, Mariátegui, que não pode comparecer por se encontrar doente, apresenta através dos delegados suas teses nos documentos *Ponto de Vista Anti-imperialista*, *O problema das raças em América Latina* e *Princípios Programáticos do Partido Socialista Peruano*, baseados em grande medida na sua obra madura *Sete Ensaios de Interpretação da Realidade Peruana*. As teses divergiram em muito das posturas ortodoxas da III Internacional em cinco pontos específicos: o imperialismo, a formação social peruana e sua estrutura de classes sociais, o caráter do partido e da revolução.

1 No VI Congresso da Internacional Comunista, após um período de desinteresse pela América Latina e perante a crise mundial que apontava para uma situação revolucionária, a *Comintern* decide que o subcontinente é essencial na escalada da revolução mundial, a I Conferência Comunista em Buenos Aires é fruto desse contexto.

2 Flores Galindo (2009:34) salienta a autonomia de pensamento e ação que Portocarrero e Bazán, mostraram em Moscou nessa ocasião: se recusaram a assinar um documento contra o militante espanhol vinculado à Oposição de Esquerda de Trotsky e não aderiram à condenação do *Komintern* contra o aprismo, opositor de Mariátegui.

José Carlos Mariátegui mantinha uma posição anti-imperialista sustentada na sua análise, bastante original, dos impactos da expansão capitalista em um país dependente e subordinado como o Peru. No entanto, sua posição distava muito da promulgada pela III Internacional para a qual, o imperialismo era um fator de manutenção dos resquícios feudais e do atraso nos países latino-americanos. A complexidade do diagnóstico mariateguiano coloca em evidência a dinâmica das transformações sócio-históricas do país: conforme seu pensamento não linear contrário à justaposição mecânica dos estágios históricos, o Peru republicano estaria hegemonizado pelos elementos modernizantes da expansão capitalista que se combinariam de maneira desigual com aqueles elementos arcaicos de estágios históricos anteriores, cujos problemas não resolvidos pela independência, expressariam a particularidade do país sul-americano. Os fatores capitalistas trazidos pelo imperialismo norte-americano não necessariamente se relacionavam com formas sociais estáticas e as preservavam dessa maneira, mas se articulavam e se serviam dos restos semif feudais para atingir seus objetivos de acumulação. Em *Ponto de Vista Anti-imperialista* o Amauta nos diz:

Certamente, o capitalismo imperialista utiliza o poder da classe feudal, na medida em que a considera a classe politicamente dominante. No entanto, seus interesses econômicos não são os mesmos. [...] Pelo contrário, na medida em que os restos de feudalidade entravam o desenvolvimento de uma economia capitalista, esse movimento da liquidação da feudalidade, coincide com as exigências do crescimento

capitalista, promovido pelas inversões e os técnicos do imperialismo [...] (MARIÁTEGUI, 1929b, tradução nossa).

A expansão do capital estrangeiro no Peru, apesar de modernizante, significava também atraso, maior dependência e subordinação do Peru:

O capitalismo, como sistema econômico e político, é incapaz, na América Latina, da edificação de uma economia emancipada das taras feudais. [...] Na agricultura, o estabelecimento do assalariado, a adoção da máquina, não apagam o caráter feudal, da grande propriedade. Aperfeiçoam, simplesmente, o sistema de exploração da terra e das massas camponesas (MARIÁTEGUI, 1929a, tradução nossa).

Certamente, as análises de Mariátegui transitam pela perspectiva dialética do desenvolvimento desigual e combinado – original de Marx e posteriormente desenvolvida por Trotsky³ – fato que lhe possibilitou identificar as contradições da sociedade peruana em sua dinâmica histórica e se afastar do evolucionismo e da ideologia do progresso linear características da III Internacional, cuja visão positivista e mecânica da história trouxe graves consequências para os movimentos revolucionários latino-americanos⁴.

3 Segundo Löwy (2001), Trotsky resgata a teoria em Marx, nas suas análises sobre Rússia, em *História da Revolução Russa* de 1930. O pensador russo, sem evocar explicitamente a teoria do desenvolvimento desigual e combinado, trata da questão do Imperialismo na Rússia e o impacto nas diversas formações sociais pré-capitalistas da época.

4 Sobre o desenvolvimento desigual e combinado, Trotsky diz: “A desigualdade do ritmo, que é a lei mais geral do processo histórico, manifesta-se com o máximo de vigor e de complexidade nos destinos dos países atrasados. Sob o açoitado de necessidades

Vittorio Codovilla, um dos principais dirigentes da III Internacional na América Latina, polemizou com os delegados peruanos desde o começo da conferência. Suas posturas estavam vinculadas aos lineamentos etapistas da *Comintern* stalinizada para a qual o continente latino-americano se caracterizava por uma feudalidade homogênea. Essa tese era coerente com o programa “revolucionário” da III Internacional, que pregava a aliança da classe trabalhadora com a burguesia para promover a revolução democrático burguesa com o objetivo de destruir os resquícios feudais e desenvolver as forças produtivas capitalistas. Uma vez superada a etapa feudal, as condições objetivas estariam suficientemente amadurecidas para atingir o seguinte estágio: o socialismo.

Para Mariátegui, a revolução socialista era uma tarefa urgente, realizável a partir das características e elementos presentes no Peru da sua época. Uma revolução democrático burguesa nos moldes capitalistas e sob hegemonia do imperialismo norte-americano não levaria ao socialismo, apenas acirraria a subordinação do país, sua condição semicolonial e a exploração das maiorias populares constituídas por camponeses e indígenas. No diagnóstico mariáteguiano, a luta anti-imperialista estava estreitamente vinculada à luta anticapitalista.

A partir desta perspectiva, Mariátegui dirigiu seu olhar para amplos setores

exteriores, a vida retardatária é constrangida a avançar por saltos. Desta lei universal da desigualdade dos ritmos decorre uma outra lei que, na falta de uma denominação mais apropriada, chamaremos de lei do desenvolvimento combinado, no sentido de reaproximação de diversas etapas, da combinação de fases distintas, do amálgama de formas arcaicas com as mais modernas” (Trotsky apud Löwy, 2001).

das maiorias populares peruanas e teve a preocupação de identificar as particularidades da classe trabalhadora para além do proletariado industrial, numericamente reduzido e com uma consciência de classe pouco desenvolvida. O projeto socialista de Mariátegui dava relevância aos camponeses, trabalhadores agrícolas das plantações de açúcar e algodão, mineiros, artesãos e os indígenas e o elo vinculador entre esses setores originava-se em sua condição de classe explorada. No entanto, o Amauta dava importância ao fator étnico. Em *O problema das raças em América Latina*, destaca a origem indígena dos trabalhadores mineiros:

O desenvolvimento da indústria mineira trouxe como consequência, nos últimos tempos, um emprego crescente da mão de obra indígena na mineração. Mas, parte dos operários mineiros continua sendo agricultores. São índios de “comunidades” que passam a maior parte do ano nas minas; no entanto, na época dos trabalhos agrícolas retornam a seus pequenos lotes, insuficientes para sua subsistência (MARIÁTEGUI, 1929a, tradução nossa).

Em síntese, a formação social do Peru configurava-se a partir de vários elementos que se combinavam e determinavam reciprocamente: o semifeudalismo do latifúndio tradicional com tendências à industrialização e à modernização, as comunidades indígenas de origem incaica nas quais persistia o comunismo agrário, e como vetor determinante, as formas embrionárias de capitalismo impulsionadas desde fora pelo capital financeiro.

Em *O problema das raças em América Latina*, Mariátegui vincula a questão de classe à questão étnica, colocando a

urgência de organização e educação do proletariado mineiro em aliança com o trabalhador agrícola, ambos de origem indígena. O Amauta se afasta de apreciações unilaterais que colocavam o problema do indígena apenas como algo de caráter étnico sem atrelá-lo ao problema da terra e nem a sua condição de trabalhador explorado:

O realismo de uma política revolucionária, segura e precisa, na apreciação e utilização dos fatos sobre os quais toca agir nestes países, em que a população indígena ou negra tem proporções e papel importantes, pode e deve converter o fator raça em um fator revolucionário. É imprescindível dar ao movimento do proletariado indígena ou negro, agrícola e industrial, um caráter neto de luta de classes (MARIÁTEGUI, 1929a, tradução nossa).

Mariátegui salienta a não resolução dos problemas dos indígenas ao longo da história republicana do Peru e atribui grande relevância ao coletivismo comunal ou “elementos de socialismo prático” como fundamental para o socialismo peruano. Reproduzimos na íntegra o sexto ponto dos *Princípios do Programa do Partido Socialista Peruano*, por se tratar de um trecho que evidencia a perspectiva de desenvolvimento desigual e combinado no seu projeto socialista:

6º - O socialismo encontra o mesmo na subsistência das comunidades que nas grandes empresas agrícolas, os elementos de uma solução socialista da questão agrária, solução que tolerará em parte a exploração da terra pelos

pequenos agricultores ali onde o yanaconazgo ou a pequena propriedade recomendam deixar a gestão individual, enquanto se avança na gestão coletiva da agricultura, às zonas onde esse gênero de exploração prevalece. Mas isto, igual que o estímulo que se preste ao livre ressurgimento do povo indígena, à manifestação criadora das suas forças e espíritos nativos, não significa em absoluto uma romântica e anti-histórica tendência de reconstrução ou ressurreição do socialismo incaico, que correspondeu a condições históricas completamente superadas, e do qual só restam, como fator aproveitável dentro de uma técnica de produção perfeitamente científica, os hábitos de cooperação e socialismo dos camponeses indígenas. O socialismo pressupõe a técnica, a ciência, as etapas capitalistas, e não pode importar o menor retrocesso na aquisição das conquistas da civilização moderna, senão pelo contrário, a máxima e metódica aceleração da incorporação destas conquistas na vida nacional (MARIÁTEGUI, 1928, tradução nossa).



O operariado industrial – permeado por elementos indígenas e camponeses – não era o único protagonista da revolução. O desenvolvimento das forças produtivas e a consequente proletarianização dos indígenas não seriam necessários para chegar ao socialismo. As comunidades indígenas ainda possuíam elementos coletivistas de cooperação nas suas práticas ancestrais. Estes elementos de socialismo prático poderiam ser potencializados naquelas comunidades onde prevaleciam, o qual não significava a obrigatoriedade de expandi-los a todos os setores da vida

social e econômica do Peru nem a dispensa dos avanços científicos e tecnológicos da cultura ocidental. O Peru poderia ter uma história diferente da europeia para além das clássicas etapas de evolução do velho continente.

Mariátegui não via possibilidades da concreção de um projeto de nação ou de uma reforma agrária através da burguesia peruana. Essa perspectiva contrapõe-se às teses de Codovilla e a III Internacional que postulavam a revolução em duas etapas na qual a burguesia, oposta aos interesses imperialistas, aceleraria o desenvolvimento das forças produtivas capitalistas para estabelecer as condições básicas do socialismo. Era a aliança operário-camponesa, com alguns setores esclarecidos da pequena burguesia, que teria a capacidade de impulsionar o que Mariátegui chamou de “segunda independência”, ou seja, a retomada de um projeto de nação incompleto que criasse no Peru uma soberania nacional baseada em grande medida na cultura proletária e na tradição incaica, imprimindo à revolução um caráter socialista. As tarefas democrático burguesas seriam realizadas pelos proletários no poder, pautados num socialismo baseado na reivindicação das tradições nacionais, fato que eliminaria as injustiças e defeitos estruturais que vinham se alastrando desde o passado colonial:

A economia pré-capitalista do Peru republicano que, pela ausência de uma classe burguesa vigorosa e pelas condições nacionais e internacionais que determinaram lento avance do país na via capitalista, não pode se liberar sob o regime burguês, enfeudado aos interesses imperialistas, em conluio com a feudalidade gamonalista e clerical, das taras e atrasos da feudalidade colonial. O destino

colonial do país recomeça seu processo. A emancipação da economia do país é possível unicamente pela ação das massas proletárias, solidárias com a luta anti-imperialista mundial. Só a ação proletária pode estimular primeiro e realizar depois as tarefas da revolução democrático-burguesa, que o regime burguês é incompetente para desenvolver e cumprir (MARIÁTEGUI, 1928, tradução nossa).

Tais teses colocam a questão das formas organizativas das massas populares peruanas e da constituição do partido. Esse ponto se torna o centro da polêmica na conferência de Buenos Aires devido à indefinição dos delegados peruanos. Flores Galindo (2009) aponta que a indefinição estava motivada pela necessidade de organizar o partido no interior do movimento social. A organização se pautava por um lento processo de formação da consciência de classe, que recolhia a expressão das massas e abarcava – como fica evidente nos documentos apresentados na conferência em questão – vários setores das maiorias populares.

Fruto do III Congresso da *Comintern* em 1921, o pensamento mariateguiano questionava as organizações partidárias monolíticas, defendia uma linha ampla e uma estratégia de longo prazo através do “frente único proletário”, que consistia na aliança com outras classes e o trabalho com as massas para o desenvolvimento da sua consciência de classe. Evidentemente, o VI Congresso da Internacional Comunista de 1928 rompe com estes lineamentos quando

reverte a política de frente única, substituindo-a pela política de “classe contra classe” [...] Ele abre, segundo os analistas mais cuidadosos, o ciclo da stalinização da Internacional Comunista: no ano anterior, o partido soviético já

aplainara o caminho para a ditadura em nome do proletariado, isolando Trotski e neutralizando a oposição interna a Stalin (ESCORSIM, 2006: 271).

Essa tendência significou, além de uma “paralisia teórica”, como apontado por Escorsim (2006), uma depuração dos quadros e das fileiras dos Partidos Comunistas a nível mundial – e a América Latina não ficou excluída desse processo –, bem como sua burocratização encaminhada a profissionalizar os militantes que conformariam o núcleo duro do partido, fortemente hierarquizado e onde predominava um autoritarismo vinculado ao Estado soviético, centro de ação dos comunistas.

Configura-se uma forte divergência entre Mariátegui e a III Internacional, já que seu “horizonte de princípios era o que depois se chamaria de partido de massas; o Secretariado vislumbrava, tacitamente, um partido de quadros” (ESCORSIM, 2006:275). Para Mariátegui, “o partido se configurava como o resultado final de um longo processo de amadurecimento do socialismo entre os trabalhadores, camponeses e intelectuais” (PINHEIRO, 2012:26).

Este lento processo foi iniciado por Mariátegui através de um intenso labor jornalístico e propagandístico no interior das massas populares. Flores Galindo (2009) salienta que a primeira tarefa de Mariátegui na sua volta da viagem pela Europa, foi a criação da Revista Amauta, entre outros projetos de propaganda política e divulgação das ideias socialistas. Em uma época na qual ainda não existiam centrais de trabalhadores nem aparelhos sindicais, o partido exigia o desenvolvimento da consciência de classe, e essa se formava na fábrica e no cotidiano dos

trabalhadores a partir da sua cultura e suas tradições. Esse processo, no entanto, viu-se interrompido pela polêmica com a Aliança Popular Revolucionaria Americana (APRA) de Raúl Haya de la Torre que, radicado no México, cria no começo de 1928 o Partido Nacionalista Libertador, fato que empurra a Mariátegui e seus colaboradores – opostos às teses apristas – à formação do Partido Socialista Peruano⁵.

Pinheiro (2012:27) salienta que a polêmica entre e socialistas apristas tornou-se uma disputa política para além da intelectual: “a necessidade de tornar o PSP um adversário forte a Haya de la Torre teria levado Mariátegui a se aproximar da III Internacional Comunista. Diante da falta de respaldo popular interno, buscou a força política, econômica e institucional do comunismo para a solidificação de seu projeto”. Atualmente existe um intenso debate sobre se houve ou não fortes conflitos que levassem à ruptura entre os delegados do Partido Socialista Peruano e o Secretariado Sul-americano. Leila Escorsim, em contraposição à interpretação de vários estudiosos de Mariátegui – dentre eles Jorge Abelardo Ramos, Hector Alimonda, José Maria Aricó e Alberto

5 Mariátegui estivera ligado à APRA, importante organização fundada pelo peruano Raúl Haya de la Torre em 1923. Ele fora exilado no México pela repressão ditatorial e Mariátegui assumiria as tarefas da APRA. No entanto, entre eles vai se perfilando um distanciamento até a ruptura final em 1928, quando a Haya de la Torre anuncia a formação do seu partido. Alimonda (1983) salienta que Mariátegui critica sua postura individualista e sua orientação no sentido de um jacobinismo militarista. O Amauta defende um processo político que implique uma irrupção desde baixo e uma transformação radical dos critérios elitistas, isso têm tempo próprio e exige trabalho prévio de sedimentação moral intelectual e da organização autônoma dos setores populares.

Flores Galindo –, salienta que, apesar de existir tensões, não houve uma oposição frontal que mais tarde se configuraria em uma ruptura final. Vinculado a esta questão, Escorsim assinala que estes mesmos autores sustentam erradamente a tese de oposição de Mariátegui à alteração do nome do Partido Socialista a Partido Comunista⁶.

O fato é que Mariátegui e o núcleo inicial do Partido Socialista Peruano não romperam definitivamente com a III Internacional. Logo após a morte em 1930 do Amauta, o Partido passou a se designar Comunista, o que confirmaria a sua adesão ao organismo dirigido pelos soviéticos. No entanto, cabe assinalar que, mesmo os embates não terem levado a uma ruptura formal, o pensamento de Mariátegui afasta-se contundentemente dos lineamentos da III Internacional, que claramente impôs um modelo depreciativo da potencialidade revolucionária dos indígenas e camponeses por considerá-los fatores de atraso e parte dos resquícios feudais.

As teses de Mariátegui fruto de um pensamento não dogmático, se contrapuseram às posturas do Secretariado Sul-Americano na I Conferência de Buenos Aires. Michel Löwy assinala que:

É interessante observar que no próprio momento em que Stalin e

Martinov – ex-dirigente menchevique convertido ao stalinismo – estavam desenvolvendo o conceito de revolução democrático burguesa como etapa autônoma da China, Mariátegui insistia explicitamente na fusão histórica entre as tarefas socialistas e democráticas no Peru (LÖWY, 1999:19).

Pinheiro (2012:24) nos lembra que “após a morte de Mariátegui em 1930, suas obras e ideias caíram em certo esquecimento: o Partido Comunista peruano deu início a uma campanha de desmariateguização de suas diretrizes; a Internacional Comunista o acusou de populista; e uma série de ataques, relacionando sua condição física à estrutura de seu pensamento, partiu de seus antigos adversários políticos: os apristas”.

Mariátegui reflexionou sobre o Peru a partir de uma perspectiva indo-americana de pensar Marx, caracterizada pela preocupação de entender e analisar a realidade do seu país, levando em conta os elementos particulares que a conformavam, sem deixar de lado o instrumental marxista. Estudioso da cultura da sua época e dos indigenistas contemporâneos seus tinha em mente um projeto socialista com uma linha de ação política que estimulava os consensos entre diversos setores populares e enfrentava as tarefas de conscientização dos trabalhadores, camponeses e indígenas peruanos, como um desafio coletivo de autotransformação: daí a ruptura com o marxismo vulgarizado e dogmático da III Internacional e a vigência do seu pensamento.

6 Segundo Escorsim, Mariátegui concordava com a mudança de nome do partido e que esta fora realizada após sua morte com o seu beneplácito. Autores como Flores Galindo salientam que Mariátegui não concordava com essa mudança que teria sido realizada a partir das influências de Eudocio Ravines, quadro político enviado pela III Internacional, havendo mudanças no direcionamento da estratégia político-partidária do Partido Socialista agora convertido em Partido Comunista, muito distantes das elaborações de Mariátegui.

Referências

ALIMONDA, Héctor. **José Carlos Mariátegui**. Tradução Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

ESCORSIM, Leila. **Mariátegui: vida e obra**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

FLORES GALINDO, Alberto. **La agonía de Mariátegui**. La polémica con la Komintern. Venezuela: Fundación Editorial El perro y la rana, 2009.

LÖWY, Michael. A teoria do desenvolvimento desigual e combinado. **Revista Outubro**. v. 1, n. 6, p. 73-80, 2001. Disponível em: http://www.revistaoutubro.com.br/versaofinal/dicoes/01/out01_06.pdf Acesso em: 10/07/2010.

LÖWY, Michael. **O Marxismo na América Latina**. Uma antologia de 1909 aos dias atuais. São Paulo. Perseu Abramo, 1999.

MARIÁTEGUI, José Carlos. **El problema de las razas en la América Latina**. 1929a. Disponível em:

<http://constitucionweb.blogspot.com/2011/08/el-problema-de-las-razas-en-la-america.html>

Acesso em: 4/3/2012

MARIÁTEGUI, José Carlos. **Principios programáticos del Partido Socialista Peruano**. 1928. Disponível em: http://www.patriaroja.org.pe/docs_adic/obras_mariategui/Ideologia%20y%20Politica/paginas/principios%20programaticos.htm Acesso em: 4/3/2012

MARIÁTEGUI, José Carlos. **Punto de vista antiimperialista**. 1929b. Disponível em: http://www.patriaroja.org.pe/docs_adic/obras_mariategui/Ideologia%20y%20Politica/paginas/punto%20de%20vista.htm Acesso em: 4/3/201

PINHEIRO, Marcos Sorrilha: Um novo Mariátegui: as influências de José Aricó nas formulações mariateguistas de Alberto Flores Galindo. **e-I@tina Revista Electrónica de Estudios Latinoamericanos**, v. 10, n. 38, p. 19-34, janeiro-março de 2012. disponível em: <http://iealc.sociales.uba.ar/publicaciones/e-latina/> Acesso em: 4/4/2012.